

Dicionário da Bíblia de Easton

Por M.G. Easton M.A., D.D.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

A lista abaixo não é uma tradução completa do Dicionário da Bíblia de Easton. Quando realizadas, as atualizações serão informadas no site. Não cremos que as descrições abaixo sejam definições perfeitas (quando necessário, mas nem sempre, adições do *Monergismo.com* serão postas em vermelho).

Adoção – o ato de dar a alguém o nome, lugar e privilégios de um filho que não é um filho por nascimento.

(1.) Natural. A filha de Faraó adotou Moisés (Êx. 2:10), e Mordecai adotou Ester (Ester 2:7).

(2.) Nacional. Deus adotou Israel (Êx. 4:22; Dt. 7:6; Os. 11:1; Rm. 9:4).

(3.) Espiritual. Um ato da graça de Deus pelo qual ele traz os homens para a sua família redimida, e faz deles participantes de todas as bênçãos que ele providenciou para ela. A adoção representa as novas relações nas quais o crente é introduzido pela justificação, e os privilégios conectados com isto, a saber, um interesse no amor peculiar de Deus (Jo 17:23; Rm. 5:5-8), uma natureza espiritual (2Pe. 1:4; Jo 1:13), a posse de um espírito digno de um filho de Deus (1Pe. 1:14; 2Jo 4; Rm. 8:15-21; Gal. 5:1; Hb. 2:15), proteção, consolo e suprimento presente (Lc 12:27-32; Jo 14:18; 1Co. 3:21-23; 2Co. 1:4), castigos paternos (Hb. 12:5-11) e uma herança futura gloriosa (Rm. 8:17,23; Tg 2:5; Fp. 3:21).

Amém – Esta palavra hebraica significa firme, e, portanto, também fiel (Ap. 3:14. Em Is. 65:16, a versão autorizada tem “o Deus da verdade”, que em hebraico é “o Deus do Amém”. Ela foi usada frequentemente pelo nosso Salvador para dar ênfase às suas palavras, onde é traduzida como “na verdade”. Contudo, algumas vezes, no Evangelho de João, ela é repetida: “na verdade, na verdade”. Ela é usada como um epíteto do Senhor Jesus Cristo (Ap. 3:14).

Ela é encontrada no final de orações, sendo que às vezes de uma maneira duplicada (Sl. 41:13; 72:19; 89:52), para confirmar as palavras e invocar o cumprimento delas. Era usada como prova de estar comprometido a um juramento (Nm. 5:22; Dt. 27:15-26; Ne. 5:13; 8:6; 1Cr. 16:36). Nas igrejas

primitivas era comum a audiência geral dizer “Amém” no final da oração (1Co. 14:16).

As promessas de Deus são Amém; isto é, elas são certas e verdadeiras (2Co. 1:20).

Eleição da Graça – A Escritura fala (1) da eleição de indivíduos para ofício ou para honra e privilégio, e.g., Abraão, Jacó, Saul, Davi e Salomão foram todos escolhidos por Deus para as posições que eles mantiveram; assim também o foram os apóstolos. (2) Há também uma eleição de nações para privilégios especiais, e.g., os Hebreus (Dt. 7:6; Rm. 9:4). (3) Mas, em adição, há uma eleição de indivíduos para a vida eterna (2Ts, 2:13; Ef. 1:4; 1Pe. 1:2; Jo 13:18).

O fundamento desta eleição para salvação é o beneplácito de Deus (Ef. 1:5; Mt. 11:25,26; Jo 15:16,19). Deus reivindica para si o direito de agir assim (Rm. 9:16,21).

Ela não é condicionada pela fé ou arrependimento; pelo contrário, ela procede da graça soberana (Romanos 11:4-6; Efésios 1:3-6). Tudo que pertence à salvação, os meios (Efésios 2:8; 2Tessalonicenses 2:13), bem como os fins, são de Deus (Atos 5:31; 2Timóteo 2:25; 1Coríntios 1:30; Efésios 2:5,10). Fé e arrependimento e todas as outras graças são os exercícios de uma alma regenerada; e regeneração é obra de Deus, por meio da qual ele faz uma “nova criatura”.

Os homens são eleitos “para salvação”, “para a adoção de filhos”, “para serem santos e irrepreensíveis perante ele em amor” (2Tessalonicenses 2:13; Gálatas 4:4,5; Efésios 1:4). O fim último da eleição é o louvor da graça de Deus (Efésios 1:6,12). (Veja PREDESTINAÇÃO).

Evangelista – um “publicador de coisas alegres”; um missionário pregador do evangelho (Efésios 4:11). Este título é aplicado a Filipe (Atos 21:8), que parece ter ido de cidade em cidade pregando a palavra (8:4,40). Julgando pelo caso de Filipe, evangelistas não tinham a autoridade de um apóstolo, nem o dom de profecia, nem a responsabilidade de supervisão pastoral sobre uma porção do rebanho. Eles eram pregadores itinerantes, tendo como função especial levar o evangelho a lugares onde ele era anteriormente desconhecido. Os escritores dos quatro Evangelhos são conhecidos como os Evangelistas.

Fé – Fé é em geral a persuasão da mente de que certa declaração é verdadeira (Fp. 1:27; 2Ts. 2:13). Sua idéia primária é confiança. Uma coisa é verdadeira, e, portanto, digna de confiança. Ela admite muitos graus até a plena certeza da fé, de acordo com a evidência sobre a qual ela descansa.

A fé é o resultado do ensino (Rm. 10:14-17). Conhecimento é um elemento essencial em toda fé, e é algumas vezes descrito como sendo equivalente à fé (Jo 10:38; 1Jo 2:3). Todavia, os dois são distinguidos neste aspecto: a fé inclui nela assentimento, que é um ato da vontade em adição ao ato do entendimento.

Assentimento à verdade é a essência da fé, e o fundamento último sobre o qual nosso assentimento a alguma verdade revelada reside é a veracidade de Deus.

A fé histórica é a apreensão de certas declarações e um assentimento a elas, que são consideradas como meros fatos da história.

Fé temporária é aquele estado que é despertado nos homens (e.g., Félix) pela exibição da verdade e pela influência de simpatia religiosa, ou pelo que é algumas vezes chamado de a operação comum do Espírito Santo.

Fé salvadora é assim chamada porque ela tem a vida eterna inseparavelmente conectada com ela. Ela não pode ser melhor definida do que nas palavras do Breve Catecismo: “Fé em Jesus Cristo é uma graça salvadora, pela qual o recebemos e confiamos só nele para a salvação, como ele nos é oferecido no evangelho”.

O objeto da fé salvadora é toda a Palavra de Deus revelada. A fé aceita e crê nela como a verdade mais certa do mundo. Mas o ato especial de fé que une a Cristo tem como seu objeto a pessoa e a obra do Senhor Jesus Cristo (Jo 7:38; At. 16:31) . Este é o ato específico de fé pelo qual um pecador é justificado diante de Deus (Rm. 3:22, 25; Gl. 2:16; Fp. 3:9; Jo 3:16-36; At 10:43; 16:31). Neste ato de fé o crente se apropria de Cristo e descansa sobre ele somente como Mediador em todos os seus ofícios. **[Para uma refutação da crença em uma pessoa e não numa proposição, recomendo a leitura de *Faith and Saving Faith*, de Gordon Clark. Ver artigo “Pessoa ou Proposição?”, extraído de tal livro, que se encontra traduzido e disponibilizado no Monergismo.com].**

Este assentimento ou crença na verdade recebida sob o testemunho divino tem sempre associado com ele um profundo senso de pecado, uma visão distinta de Cristo, uma vontade rendida, e um coração amável, juntamente com uma segurança, confiança ou descanso em Cristo. Ele é aquele estado de mente no qual um pobre pecador, consciente do seu pecado, foge de si mesmo para Cristo, e lança o fardo de todos os seus pecados sobre ele. Ele consiste principalmente, não no assentimento dado ao testemunho de Deus em sua Palavra, mas em abraçar com confiança e segurança o único Salvador a quem Deus revela. **[Terrível!]** Esta confiança e segurança é a essência da fé. Pela fé o crente direta e imediatamente se apropria de Cristo como seu. A fé em seu ato direto torna Cristo nosso. Ela não é uma obra que Deus graciosamente aceita no lugar da obediência perfeita, mas é somente a mão que sustenta a pessoa e obra do nosso Redentor como o único fundamento da nossa salvação.

A fé é um ato moral, visto que ela procede de uma vontade renovada, e uma vontade renovada é necessária para assentir com crença à verdade de Deus (1Co. 2:14; 2Co. 4:4). Fé, portanto, tem seu lugar na parte moral da nossa natureza tanto quanto na intelectual. A mente deve primeiro ser iluminada pelo ensino divino (Jo 6:44; At. 13:48; 2Co. 4:6; Ef. 1:17, 18) antes de poder discernir as coisas do Espírito.

A fé é necessária para a nossa salvação (Mc. 16:16), não porque haja algum mérito nela, mas simplesmente porque ela é o pecador tomando o lugar lhe designado por Deus. [...]

A garantia ou fundamento da fé é o testemunho divino; não a racionalidade do que Deus diz [**Será que Deus, que é o próprio fundamento de toda racionalidade, pode dizer algo irracional?**], mas o simples fato de que ele diz. A fé descansa imediatamente sobre o “assim diz o Senhor”. [...]

A fé em Cristo assegura para o crente a liberdade da condenação, ou a justificação diante de Deus; uma participação na vida que está em Cristo, a vida divina (Jo 14:19; Rm. 6:4-10; Ef. 4:15,16, etc.); “paz com Deus” (Rm. 5:1); e santificação (At. 26:18; Gl. 5:6; At. 15:9).

Todos os que crêem assim em Cristo certamente serão salvos (Jo 6:37, 40; 10:27, 28; Rm. 8:1).

A fé = o evangelho (At. 6:7; Rm. 1:5; Gl. 1:23; 1Tm. 3:9; Jd. 1:3).

Olho mau - (Prov. 23:6), figurativamente, o invejoso ou cobiçoso (Compare Deut. 15:9; Mat. 20:15).

Predestinação – Esta palavra é apropriadamente usada somente com referência ao plano ou propósito de salvação de Deus. A palavra grega da qual obtemos “predestinar” é encontrada somente nestas seis passagens: Atos 4:28; Rom. 8:29, 30; 1Cor. 2:7; Ef. 1:5, 11; e em todas elas ela tem o mesmo significado. Elas ensinam que o decreto ou “propósito determinado” eterno, soberano, imutável e incondicional de Deus governa todos os eventos.

Esta doutrina da predestinação ou eleição tem muitas dificuldades. Ela pertence às “coisas secretas” de Deus. Mas se tomarmos a palavra revelada de Deus como nosso guia, devemos aceitar esta doutrina com todo o seu mistério, e resolver todos os nossos questionamentos em reconhecimento humilde e devoto: “Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lucas 10:21). [**Na verdade, não há nada de mistério na doutrina da predestinação. Pelo contrário, ela é uma necessidade lógica, pois caso não existisse, Deus não seria sábio, soberano e onipotente, como é o Deus único e verdadeiro que as Escrituras nos revelam. Quanto às dificuldades, elas são oriundas da “dificuldade” que o pecador tem de aceitar a soberania de Deus, como revelada na Escritura, e na sua resistência em crer verdadeiramente no que Lucas 10:21 ensina**].

Para o ensino da Escritura sobre este assunto, que as seguintes passagens sejam examinadas em adição àquelas referidas acima; Gên. 21:12; Êx. 9:16; 33:19; Deut. 10:15; 32:8; Jos. 11:20; 1Sam. 12:22; 2Cr. 6:6; Sal. 33:12; 65:4; 78:68; 135:4; Isa. 41:1-10; Jer. 1:5; Mc 13:20; Lc 22:22; Jo 6:37; 15:16; 17:2, 6, 9; At 2:28; 3:18; 4:28; 13:48; 17:26; Rm. 9:11, 18, 21; 11:5; Ef. 3:11; 1Ts. 1:4; 2Ts. 2:13; 2Tm. 1:9; Tt 1:2; 1Pe. 1:2. (Veja DECRETOS DE DEUS; ELEIÇÃO).

Hodge observou de maneira apropriada que “corretamente entendida, esta doutrina (1) exalta a majestade e soberania absoluta de Deus, enquanto ilustra as riquezas de sua livre graça e seu justo desprazer para com o pecado. (2) Ela reforça sobre nós a verdade essencial de que a salvação é inteiramente da graça;

que ninguém pode se queixar se tiver sido rejeitado, ou se orgulhar se tiver sido salvo. (3) Ela traz o inquiridor ao absoluto desespero e ao abraço cordial da livre oferta de Cristo. (4) No caso do crente que tem o testemunho em si, esta doutrina frequentemente aprofunda sua humildade e eleva sua confiança na plena certeza de esperança" (*Outlines*).

Verdade – Usada em vários sentidos na Escritura. Em Pv. 12:17, 19, a palavra denota aquilo que é oposto à falsidade. Em Is. 59:14, 15, Jr. 7:28, ela significa fidelidade ou veracidade. A doutrina de Cristo é chamada de “a verdade do evangelho” (Gl. 2:5), “a verdade” (2Tm. 3:7; 4:4). Nosso Senhor diz de si: “Eu sou o caminho e a verdade ” (João 14:6).